

largueza, peitar disfarçadamente os influentes e mais depressa perdia cinquenta contos no jogo de que pagava, dos três em atraso, um mês à reportagem. Era preciso não perder a linha. . . Encarava todo o debate jornalístico como objeto de comércio ou indústria e estendera esse critério aos casos políticos, às pretensões de qualquer natureza. Dizia-o mesmo francamente e francamente agia, embora, quando acusado publicamente, se defendesse indignado. Fazia uma vida brilhante: gastava, jogava, presenteara, mas a sua generosidade era sempre interesseira. Ele a tinha com os poderosos da indústria, do comércio, da política e dos negócios; e, nos apertos, não sacrificava um ceitil de suas despesas, para atender ao pagamento dos salários dos seus próprios criados. (. . .) Fazia sistematicamente, porém, entre nós, a indústria do jornal e não havia empreendimento ou obra por mais útil que fosse, representando emprego de capitais avultados e lucro para os empreiteiros, de que não procurasse tirar o seu quinhão. (. . .) Conhecia todos os poderosos, os que se faziam poderosos, os que se iam fazer e prometiam sê-lo, e a nenhum se acanhava de pedir isto ou aquilo. À proporção que subiam, subiam os seus pedidos; e, dessa forma, quando no fastígio, podia pedir-lhes o que quisesse”(259).

Com a segurança da cobertura dos cofres públicos, *O País* possuía um grupo de excelentes colaboradores e sua redação estava cheia de bons profissionais. Por muito tempo, entre os que tinham a responsabilidade de redigir as notas políticas e os editoriais, destacou-se Eduardo Salomonde, de quem Gilberto Amado fez rápido e incisivo retrato: “Eduardo Salomonde, autor dos artigos de fundo, e anos antes, da crônica dominical ‘A Semana’, no alto da primeira página, então a cargo de Carmen Dolores, escritora de fama daquele período — só o vi mais tarde e durante o dia. Limpo de aspecto, roupa surpreendentemente leve no meio de *croisés* e fraques de casimira pesada, rosado, delicado de corpo, agitava, ao falar, as mãos pequenas e bonitas. A voz tremia-lhe um pouco. Tinha um riso saudável. Esse homem de talento que beirava os cinquenta anos, esfregado pelas asperezas da vida, forçado a escrever o que outros mandavam, aparentava uma modéstia de moça honesta. Corava com facilidade. Seu editorial, sobre assunto fornecido por João Laje, dono do jornal, era um primor no gênero”(260). As amarguras do jornalista de talento reduzido à condição de escriba são peculiares à imprensa da fase industrial, nada têm de espantoso e não podem ser lançadas, individualmente, às vítimas, mas ao regime que gerava e mantinha esse gênero de corrupção. Vê-lo nos casos pessoais

(259) Lima Barreto: *Numa e a Ninfa*, S. Paulo, 1950, págs. 30/32.

(260) Gilberto Amado: op. cit., pág. 43.